

COISAS PIORES



Coisas piores

Margarita García Robayo

tradução de

Silvia Massimini Felix



11	<i>Como ser um pária</i>
26	<i>Você está aqui</i>
39	<i>Coisas piores</i>
51	<i>Um pouco melhor que eu</i>
63	<i>Sopa de peixe</i>
75	<i>O que nunca fomos</i>
88	<i>Os álamos e o céu pela frente</i>



*Every street lamp that I pass
Beats like a fatalistic drum*

T.S. Eliot, *Rhapsody on a windy night*



Aos que já não estão



Como ser um pária

Na televisão, estava passando o comercial do gordo que tinha emagrecido com um chá: *meu filho me pediu pra não ir ao jogo de futebol dele e eu perguntei: por quê, por acaso você tem vergonha de mim?* — O ex-gordo chorava, pedia para a câmera não filmá-lo, a câmera o filmava mesmo assim. Inés chorava com aquele comercial. Ela não estava gorda, nunca tinha sido gorda, mas o drama do cara lhe tocava em algum ponto.

Naquela manhã, ela havia tentado falar com Michel. Desde o dia da mudança, não tinha notícias dele. Ela o chamou pelo celular e ele não atendeu; talvez estivesse trabalhando. Tinha acabado de telefonar de novo, mas sem sucesso. Ainda não era meio-dia e ela já estava exausta. Na noite anterior, sonhara que seus dedos do pé estavam caindo. Nos últimos tempos, os pés lhe doíam e às vezes ela os sentia como gangrenados. Era uma sensação parecida com aquela que ela teve uma vez em Boston, quando suas pernas ficaram paralisadas. Michel estava fazendo pós-graduação e ela tinha ido visitá-lo: era inverno. O médico de lá lhe disse que ela estava com sérios problemas de circulação. “Como qualquer merda de avenida!”, respondeu Inés, brincando, mas nem o médico nem Michel riram de sua piada.

O ex-gordo tinha mudado de cenário e de roupa. Agora, enfiado num terno preto, posava numa varanda com vis-

ta para uma cidade com muitas luzes: *fazia anos que eu não via meu pênis.*

— Pênis — Inés repetiu —, que palavra feia.

— Bom dia, senhora.

A mulher que fazia a faxina estava parada na porta do escritório. Usava um vestido abotoado até o pescoço, com o calor que fazia. Inés desligou a tevê.

— Bom dia...

Ela não se lembrava do nome, era a segunda vez que a via.

— Glenda, senhora.

Inés acenou com a cabeça. Glenda também acenou, entrou no escritório e lhe deu um envelope que estava na caixa de correio.

— Obrigada.

Inés se ajustou, esmagou o cabelo com as mãos. Estava áspero, como a barba incipiente de um homem.

— Vou estar lá na cozinha, se a senhora precisar de alguma coisa.

Glenda se virou. Era uma morena grandalhona, com uma voz muito grave.

Dentro do envelope havia um cartão que dizia “Brunch”. Fora enviado do condomínio Las Palmeras e estava endereçado a Gerardo e a ela, com nome e sobrenome. Inés se perguntou como teriam descoberto isso. Estava lá fazia uma semana, no máximo.

Saiu do escritório com o cartão na mão. Atravessou a sala, abriu as cortinas, e a luz entrou como um jato de água com muita pressão. Entrecerrou os olhos. Os operários vinham chegando; estavam consertando o encanamento podre. O jardim tinha um cheiro horrível. Era uma casa de campo velha, herdada de uma tia solteirona de Inés, e na família ninguém a usava. Sua irmã lhe dera a ideia de se estabelecer lá por um tempo, enquanto acabava de se recuperar. Michel a aju-

dara a se mudar, até Gerardo a ajudou. Todos a queriam longe. “É câncer, não lepra”, ela lhes disse. Eles olharam para Inés ofendidos.

Sentou-se no sofá. Se fosse para o brunch, teria de fazer algo na cabeça.

Na mesinha de centro havia uma revista *¡Salud!* — Michel lhe trouxera algumas para que se distraísse. Na capa havia uma mulher mais velha comendo frutas secas como se fosse um esquilo. Ela achou que devia ir ao brunch e conhecer os vizinhos. Afinal, ia morar lá por um tempo. Um ano. Foi o que ela dissera a todos. A Michel, a Gerardo, a sua irmã. Inés se abanou com a revista e olhou para fora: os operários arrumavam as ferramentas com muita lentidão.

— Senhora. — Era Glenda. Inés deixou a revista cair no chão. A mulher tinha aparecido do nada. — Vai tomar café da manhã?

— Não, obrigada.

— Já tomou seus remédios?

— Não, mais tarde.

Inés esmagou o cabelo com as mãos, levantou a revista e a colocou na mesinha. Por que ela precisava lhe perguntar isso?

— Eu acho que devia tomar o café da manhã, senhora, não pode tomar remédio de estômago vazio.

— Eu sei, mas não quero.

Glenda pigarreou:

— Está bem.

Ela se virou e levou seu corpo bamboleante para a cozinha.

Inés sacudiu a cabeça. Levantou-se do sofá, subiu as escadas vagarosamente. Repassou as roupas que podia usar.

Um chapéu, ia ter de usar um chapéu.



O condomínio era um clássico lugar californiano de cinema. Como de mafioso falido: varandas em arco, palmeiras altas plantadas simetricamente, lado a lado, formando um círculo que continha uma lagoa artificial. Então, de cada lado, ficavam as casas enfileiradas, todas iguais, com seus terraços voltados um para o outro. Inés estava num desses terraços, sentada numa cadeira de vime. Um sujeito de bermuda branca e camisa azul-celeste tinha se sentado ao seu lado. Tomava uma bebida. No meio das duas cadeiras havia um guarda-sol azul.

— A mãe faz uns daiquiris de frutas fabulosos — disse o cara.

Inés assentiu.

Mãe? Quem falava assim?

O cara se chamava Leonardo e devia ter uns quarenta anos. Trabalhava com imóveis, disse a ela. A anfitriã era sua mãe, Susana, que estava se aproximando com dois novos copos coloridos. Estendeu-lhe um:

— Outro?

Inés levantou o rosto para olhar para ela. Susana tinha ficado contra a luz. Uma auréola de sol cercava sua cabeça tingida num tom de acaju.

— Obrigada.

Pegou o daiquiri, que, como haviam anunciado, era uma mistura de frutas cítricas. O médico lhe pedira que ainda não bebesse álcool. “Nem uma tacinha?”, perguntou Inés. “Que mesquinhez.” Então ele disse que uma tacinha tudo bem, mas que não se excedesse porque precisava recuperar as defesas.

Susana sentou-se nas pernas do filho, mexeu o copo com o canudinho e tomou tudo de uma vez, num longo gole. Inés provou o dela, estava muito doce.

— A Inés lhe disse onde ela mora, meu amor? — Susana disse. Leonardo balançou a cabeça. — Naquela casa que esta-

va meio em ruínas. Mas agora a Inés e o marido dela, que trabalha com... — Susana franziu a testa e olhou para ela: estava com um delineador azul. — O que exatamente seu marido faz?

Inés baixou os olhos para sua bebida adocicada. Como ela podia responder a isso? Primeiro: ele não era mais seu marido. Segundo: ela nunca entendeu o que ele fazia. Nunca teve uma resposta pronta para dar, como a maioria das mulheres com marido. Já tinha ouvido essas respostas: nunca devia ser uma frase completa como “meu marido trabalha com...”; era impreciso e dava a sensação de que levava muito tempo para pensar em algo que deveria ser claro de imediato. Havia jogos de perguntas e respostas em que esta formulação tirava pontos de sua jogada: “Os animais crustáceos são aqueles que têm as seguintes características...”. Era uma armadilha. As possíveis respostas à pergunta de Susana tinham de ser diretas, curtas, rápidas: “O que exatamente seu marido faz?”. “Estudos do solo”; ou: “Manuais de computação”; ou: “Aquários de acrílico”.

Susana tinha se voltado para o filho:

— De qualquer forma, a Inés e o marido reformaram aquela casa e ficou impecável. É o que dizem. Não é, Inés?

Inés assentiu. Quem poderia dizer isso? Pensou no encanamento podre que atravessava seu jardim. Então pensou no comercial do ex-gordo chorando: *era como ser um pária*.

— ... é um chalé muito robusto e bonitinho, embora... — Agora era Leonardo quem falava.

Inés tomou um gole do drinque. O líquido frio lhe desceu pela garganta muito rápido e ela teve vontade de tossir, mas se segurou. De repente, sentiu-se malvestida: era o chapéu, devia estar parecendo uma camponesa.

— ... há problemas com as tubulações e as instalações elétricas.

Leonardo estava ficando careca. O suor se acumulava nas entradas não tocadas pelo lenço que ele passava pelo contorno do rosto de tempos em tempos. As entradas brilhavam e a luz do sol rebotava, dando a sensação de que os raios saíam de sua cabeça. Mas ele não era feio: alto, loiro, com um daqueles narizes grandes e retos que dão um ar refinado a certos caras. Michel tinha o nariz pequeno, mas muito cabelo na cabeça.

— Dito isso — continuou Leonardo —, não entendo o que te levou a se mudar pra lá e não procurar uma opção mais confortável, dadas as circunstâncias.

Que circunstâncias?

Susana se levantou de repente, soltou uma risadinha idiota. Via-se que estava envergonhada pela pergunta do filho.

— Filho — disse ela, com a mão no peito caído, mas ainda redondo graças ao silicone —, você não pode perguntar isso pra Inés, pelo amor de Deus.

Susana usava sandálias rasteiras azuis, como o delineador, como o guarda-sol, como a camisa de Leonardo. Devia ter uns sessenta e poucos. Inés tinha cinquenta e sete, mas sentia-se com mais de cem. Bebeu a última gota que sobrou no copo. Na piscina havia pessoas flutuando em colchões infláveis. Inés não sabia se gostava ou não de piscinas. Gerardo as odiava — *depois de estar lá dentro e mergulhar, o que você faz?*

Susana, com uma deselegância monumental, continuava se desculpendo pela falta de consideração do filho. Inés tentou fixar os olhos para além das palmeiras, que marcavam o curso do rio e se perdiam numa descida na encosta. Um garçom veio com uma bandeja de daiquiris. Dessa vez, também havia um uísque. Inés o pegou:

— Acho que vou continuar com isso.



A varanda era o lugar mais fresco da casa, mas estava fedendo. Os operários trabalhavam ali em frente e o cheiro dos canos podres chegava muito forte. Glenda tivera a ideia de fincar tochas no jardim; não era uma má ideia: ela as fizera com estacas e pedaços de pano mergulhados em citronela, um óleo doce e cítrico que espantava os mosquitos. Havia outros trapos que ela mergulhava numa essência de jasmim, e o resultado era uma névoa penetrante e ácida, com alguns momentos enjoativos. Um cheiro horrível, porém mais tolerável que o do encanamento podre.

Naquela manhã, ninguém acendera as tochas. Os trabalhadores deviam ter perdido o olfato porque lá estavam eles, sentados na grama, comendo de alguns pratos fundos que Glenda tinha acabado de lhes levar e engolindo aquele cheiro.

— Vai almoçar, senhora?

Glenda a surpreendeu. Ela sempre fazia a mesma coisa. Era um mistério como uma mulher tão enorme podia chegar até suas costas sem fazer um mínimo ruído.

— Por que não acenderam as tochas? — Inés perguntou.

— Vou acender agora — disse Glenda. Havia sempre uma expressão de contrariedade em seu rosto. — Quer que eu sirva o almoço?

— Que horas são?

— Uma hora; posso servir?

— O que você fez?

Resmungou:

— Frango assado e bolo de milho. Era tudo o que tinha.

— Isso está bom, obrigada.

— Não tem mais nada pra comer, senhora.

— Vou dizer ao Michel pra me trazer umas compras do mercado.

— Chegou isso.

Glenda tirou um envelope do bolso do avental e o estendeu. Inés abriu: era outro convite de Susana. No dia seguinte, ela faria uma reunião por ocasião das festividades da Virgem do Carmo. Glenda ainda estava lá, com a cara fechada e a mão no nariz, cobrindo-o disfarçadamente.

— O que você tem? — Inés perguntou.

— Nada.

Glenda foi para a cozinha e voltou quase na mesma hora com uma bandeja que já devia estar pronta. Colocou-a na mesa: um frango esbranquiçado com uma maçaroca amarela ao lado dele. Tudo parecia frio e seco. Inés sentiu vontade de vomitar; pôs um guardanapo na boca e disfarçou o som de um arrote ácido que queimou sua garganta. Isso acontecia com ela desde os uísques do condomínio, alguns dias atrás.

— Imagino que saiba que eu só vou vir na terça, senhora — disse Glenda, que ainda estava lá, dura como uma múmia.

— O que você está dizendo?

— Eu não venho, e acho que os meninos também não. — Apontou para os operários.

Inés afastou o prato do almoço, enojada.

— Eu não sei do que você está falando, quando não vão vir?

Glenda respirou fundo.

— Amanhã, sexta-feira, e até terça-feira. Nesses dias não trabalhamos porque são as festividades da Padroeira. E eu pensei... — Pigarreou de novo.

— O que você pensou?

— Que é melhor dizer ao seu filho pra vir ficar com a senhora. — E se enfiou na cozinha sem deixá-la responder.

Michel tinha ligado para ela no dia anterior. Não concordava que ela tivesse ido àquela festa no condomínio. “Não foi uma festa, foi um brunch”, disse Inés. E ele respondeu: “Posso sentir o cheiro de longe”. Atrevido. Ela desligou na cara

dele. Não lhe dissera nada porque não queria discutir, mas desligou na cara dele. Ele se parecia cada vez mais com Gerardo: mandão e preconceituoso. E ela havia se tornado a filha tonta de ambos.

Voltou a olhar para o jardim: as tochas apagadas, os operários sentados no chão, engolindo aquele cheiro. Estava tão cansada. Subiu para o quarto, mas isso lhe custou; as escadas pareciam mais íngremes que o habitual.



Estava muito quente para que Gerardo ficasse em cima dela. Inés o empurrava e dizia que agora não, que mais tarde, quando refrescasse. Mas Gerardo continuava esmagando-a com seu corpo suado, que tinha um cheiro de azedo. Inés mordeu-o no peito e ficou com um pedaço de carne na boca, e nem assim Gerardo se mexeu. Ficou ainda mais quieto, como um saco de areia. Inés respirou lentamente, sugando o pouco de ar que havia entre seu rosto e o peito ensanguentado de Gerardo. Mordeu-o de novo, para tirar mais pedaços de carne, até que chegou ao coração, um balão sanguinolento muito inflado, que estourou assim que ela encostou o dente nele.

O barulho a acordou: abriu os olhos. Ainda estava na espreguiçadeira. Teve de inspirar bem fundo o ar quente e feroz do jardim, pois sentiu que estava sufocando. Tocou a testa com as costas da mão: estava gelada, mas se sentia quente por dentro. Seu peito doía, seus pés doíam. De onde vinha aquele barulho? Ao lado da espreguiçadeira havia um balde que, várias horas atrás, continha gelo. Agora já não restava nem mesmo a água; ela derramara em cima do corpo antes de adormecer.

Tinha passado o dia todo de calcinha e sutiã, aproveitando-se do fato de que estava sozinha. Levantou-se para procurar